

— “Felicidade é a soma” —
 Disse Marinho Irajá —
 “Não daquilo que se toma,
 Mas daquilo que se dá.”

Longevidade não vem
 Nem de fartura ou de fome.
 Longevidade é comer
 Metade do que se come.

“Devagar que tenho pressa”,
 Contudo, guarda a certeza
 De que a preguiça começa
 Na casa da vagareza.

Nem sempre os males são males
 Por mais que males divises;
 Onde a lei acha culpados
 O amor encontra infelizes.

E FOI-SE EMBORA...

Caiu na obsessão Nico Raimundo,
 Mediunidade nele era um problema;
 Forte e feliz, queixava de eczema,
 Tinha medo das almas de outro mundo!

Tanto sofreu por doido vagabundo,
 Que foi levado a um passe em Saquarema;
 O Espírito da Irmã Clara Moema
 Disse-lhe pelo médium Clarimundo:

— “Meu amigo, isso é só mediunidade,
 Voce sara, ajudando a Humanidade,
 Estudando e servindo desde agora!...”

Mas, Nico, viciado à boa vida,
 Recuou para a porta de saída,
 Gritou que ele era livre e foi-se embora...

Vingança perante a ofensa —
 Delito igual por igual.
 Primeiro passo no bem:
 Esquecimento do mal.

Mais vale saber que ter,
 Cultura aprimora o bem,
 Mas só saber sem fazer
 Não adianta a ninguém.

Ventura que não se perde
 Consiste nesta verdade:
 Fazer os outros felizes
 Sem pedir felicidade.

Infeliz não é aquele
 Que nunca teve o que quis.
 E' aquele que nunca soube
 Que ser bom é ser feliz.

NHÔ MANDUCO

*"Recorde sempre: o anônimo da rua
 é nosso irmão."*

Lá se vai arrastando Nhô Manduco.
 Um homem passa, rente, e a língua engrola:
 — "Foge daqui, cachorro manquitola!"
 Outro grita de longe: — "Sai caduco!"

E' noite... A água da chuva é fino suco.
 O barro é o cobertor a que se enrola.
 Sente o mendigo o estalo da cachola
 E morre feito sapo no tijuco.

Acorda Nhô Manduco libertado.
 Contempla o próprio corpo, frio, ao lado...
 Ergue-se tonto... Nada sabe ao certo...

Teme e treme... Mas nisso vê na altura,
 A rebrilhar no horror da noite escura,
 Um caminho de sol no céu aberto.